

# METALINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA: DO DIÁLOGO ENTRE BAKHTIN E SAUSSURE

## METALINGUISTIC AND LINGUISTIC: DIALOGUE BETWEEN BAKHTIN AND SAUSSURE

Eislane Rodrigues RIBEIRO  
Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL)  
Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão  
erislane@bol.com.br

**Resumo:** Saussure fundou uma nova discursividade e suas contribuições ressoam continuamente, reafirmando o vigor heurístico de seu trabalho. Dentre os diversos autores que com Saussure dialogaram ao longo do tempo, destaca-se a figura de Bakhtin. Neste artigo, temos o propósito de investigar as ressonâncias do pensamento saussuriano na proposição da Metalinguística por Bakhtin, procurando observar o diálogo entre esses autores, cujas obras constituem um patrimônio da criação humana sobre a linguagem.

**Palavras chave:** Linguística; Metalinguística; Saussure; Bakhtin.

**Abstract:** Saussure founded a new discourse and their contributions resonate continually reaffirming the heuristic force of his work. Among them any authors who dialogued with Saussure over time, there is the figure of Bakhtin. In this article, we aim to investigate the resonances of Saussurean thought the proposition of Metalinguistic by Bakhtin, trying to observe the dialogue between these authors, whose works constitute a patrimony of human creation on language.

**Key words:** Linguistic; Metalinguistic; Saussure; Bakhtin.

### Introdução

Saussure é um interlocutor importante na obra de Bakhtin. O filósofo russo, com o intuito de fundar um novo campo de estudos da linguagem, dialoga com os estudos anteriormente empreendidos pelo mestre genebrino. Entretanto, apesar de destacar os méritos da perspectiva adotada por Saussure, reconhecendo a importância da abordagem por ele adotada, opta por seguir outra direção, a qual o leva a se distanciar da Linguística de Saussure em direção ao que ele denomina Metalinguística. Mesmo que o pensamento de um e o do outro possam ser considerados antagônicos se se levar em conta, por exemplo, que, segundo Bakhtin, para Saussure do *Curso de linguística geral* (CLG), deve interessar aos estudos linguísticos apenas o que diz respeito ao sistema linguístico, enquanto, para ele, quando se estudam os fenômenos da linguagem, é relevante considerar o que pertence ao domínio extralinguístico, não se pode negar a

importância da obra do primeiro para a constituição da Metalinguística proposta pelo segundo.

Nesse sentido, propomos, com este estudo, fazer uma releitura das obras *Estética da criação verbal* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, com a finalidade principal de avaliar a importância e o lugar de Saussure como interlocutor de Bakhtin, com quem esse dialoga, especialmente, para propor a constituição de um novo lugar para se pensar as questões relativas à linguagem.

Para a realização dos objetivos propostos, é apresentada uma breve biografia, com a finalidade de apresentar algumas das condições de produção das obras dos dois autores em pauta; posteriormente, procura-se destacar como a Metalinguística proposta por Bakhtin dialoga com a Linguística saussuriana, o que faz de Saussure um Outro fundamental na obra do filósofo russo. Por fim apresentam-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

### **Das condições de produção das obras de Saussure e Bakhtin**

Saussure nasceu e morreu em Genebra, mas viveu também em Leipzig e em Paris. Bakhtin, para estudar, trabalhar, fugir do stalinismo e tratar-se de uma osteomielite crônica, precisou ser migrante: nasceu em Orel, mas residiu e trabalhou também em Vilna, Odessa, São Petersburgo, Nevel, Vitebsky, Leningrado, Kustanai, Saransk, Savelono e Moscou (FIORIN, 2006, p. 9-11).

Ambos mantiveram, desde a infância, o interesse pelos estudos da linguagem, em parte devido a relações com parentes e amigos que se dedicaram ao tema. Um tio de Saussure realizou estudos sobre o francês e também sobre os nomes próprios, seu avô interessava-se pela história dos povos e pela etimologia. Além disso, foi amigo de Adolphe Pictet que contribuiu para a disseminação da gramática comparada e das pesquisas sobre o sânscrito na Europa. (BOUQUET, 2004, p. 57). Bakhtin, por sua vez, foi bastante influenciado por seu irmão, Nicolai. Clark e Holquist (1998) chegam a afirmar, em razão do estreito vínculo afetivo e intelectual que havia entre Bakhtin e Nicolai, que os dois irmãos “são uma versão hodierna dos gêmeos corsos de Dumas”, já que se voltaram “[...] para a filosofia da linguagem e chegaram a concepções cuja semelhança impressiona” (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 44).

No que diz respeito à formação e ao trabalho na Universidade, Saussure teve aulas de grego, latim e alemão e estudou sânscrito, por iniciativa própria, na gramática

de Franz Bopp. Autodidata, estudou as vogais indoeuropeias e etimologia. Em 1876, foi aceito na *Société de linguistique* de Paris, onde desenvolveu diversas pesquisas. Neste mesmo período, frequentou as universidades de Leipzig e de Berlim. Ainda muito jovem, aos vinte e três anos “foi nomeado *mâitre de conférences* na *École de hautes études* de Paris”. Em 1896, retornou a sua terra natal para ministrar aulas na Universidade de Genebra.

Com relação à formação acadêmica de Bakhtin, talvez não seja exagero afirmar que ela se deve menos ao curso de História e Filologia, realizado na Universidade de São Petersburgo, do que ao hábito de ler clássicos ainda na infância e aos diversos Círculos de estudos de que participou. Diferentemente de Saussure, Bakhtin não foi um pesquisador solitário, pois se reunia em torno dele um grupo de artistas e intelectuais das mais diversas áreas com o objetivo de debater sobre filosofia, literatura, cultura, religião, etc. Ao longo de sua vida, devido ao seu problema de saúde e ao governo ditatorial de Stalin que o perseguiu, Bakhtin teve dificuldades para trabalhar, precisando contar com um auxílio-doença ou com a colaboração de seus amigos membros do Círculo para sobreviver em períodos em que não podia se dedicar à atividade docente.

Com relação às produções acadêmicas, apesar de terem sido apresentadas ao público de modo distinto, muitas foram as contribuições dos dois autores. Saussure escreveu, ainda muito jovem, aos vinte e um anos, o texto *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, com o qual, conforme avalia Benveniste (1995, p. 36), “o estreante genial ataca um dos problemas mais difíceis da gramática comparativa [...]”. Entretanto, não são seus estudos na perspectiva do método comparativo que farão o mestre genebrino ser conhecido como o pai da ciência linguística. São as suas investigações sobre os fundamentos da linguística que o colocam na história, com a publicação do *Curso de linguística geral*, obra escrita por dois de seus discípulos a partir de três cursos de Linguística geral ministrados por ele na Universidade de Genebra entre os anos de 1908 e 1911.

Também Bakhtin começou a produzir muito cedo. Seu primeiro livro *Para uma filosofia do ato*, apesar de ter sido publicado tardiamente, apenas em 1986, foi escrito entre os anos 1920 e 1924. Durante toda sua vida, manteve uma disposição ímpar, apesar do severo problema de saúde que o acometia, escrevendo continuamente e publicando quando possível, em razão do contexto sócio-histórico adverso.

No caso de Saussure, o pequeno número de trabalhos publicados deve esconder “[...] um drama que deve ter sido doloroso, que se agravou com os anos, que inclusive

jamais encontrou solução”, que se deve a duas recusas de Saussure: a “[...] tudo o que se ensinava a respeito da linguagem” e a publicar sem que houvesse “assegurado, em primeiro lugar, os fundamentos da teoria” (BENVENISTE, 1995, p. 39-40). Após a sua morte, com a publicação do CLG pelos seus discípulos, quando se deu a conhecer parte daquilo que Saussure teria produzido na forma de Cursos, outra dificuldade se impôs: o ano é o de 1916 e o mundo experimenta a sua primeira guerra mundial e “no meio do retinir das armas, quem poderia preocupar-se com um trabalho de linguística?” (BENVENISTE, 1995, p. 40).

O processo de publicação e recepção da obra de Bakhtin também não se deu de maneira tranquila. Para começar, a Rússia vivia sob o regime stalinista e Bakhtin e sua obra não ficaram à margem de suas consequências. Neste sentido, com relação à autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*, por exemplo, há quem diga que Bakhtin tenha se recusado “a fazer concessões à fraseologia da época e a certos dogmas impostos aos autores” (JAKOBSON, 1995, p. 9) e que Volochinov teria assumido a tarefa de adequar a obra do autor para que pudesse ser publicada, até mesmo para ajudá-lo financeiramente; outro problema com relação à recepção da obra de Bakhtin diz respeito a sua tradução para o português que, para a maioria das obras, foi feita por intermédio das versões francesas, além de existir “uma ‘variação terminológica’ para uma única e mesma palavra russa, comprometendo a unidade temática que orienta as formulações teóricas do Círculo [...]” (SOUZA, 2002, p. 43); uma terceira questão que dificulta a recepção é o fato de que, além de diversos textos de Bakhtin, serem, na verdade, rascunhos, anotações, manuscritos inacabados enfim, nem a sua publicação na Rússia nem a sua tradução no Ocidente seguiu uma ordem cronológica (FARACO, 2003, p. 16).

No caso dos dois autores, têm surgido, recentemente, novos centros de interesse, motivando a realização de novas pesquisas. No caso de Saussure, têm sido frequentes os estudos em torno da leitura dos manuscritos deixados pelo autor, os quais buscam, muitas vezes, confrontá-los com o que foi publicado no CLG. Com relação à obra de Bakhtin, novas pesquisas pretendem dar conta de definir de uma vez por todas a querela em torno da autoria dos textos disputados, além de haver uma preocupação com a releitura da obra de Bakhtin que vem sendo traduzida, paulatinamente no Brasil, diretamente do original russo. Apesar de se considerarem muito pertinentes tais objetivos, não fazem parte do objeto de investigação neste artigo. A questão central que se coloca aqui, a qual será objeto de reflexão a partir deste momento, diz respeito à

leitura que Bakhtin faz do *Curso de linguística geral* de Saussure para propor a sua Metalinguística, conforme se pode depreender das obras *Estética da criação verbal* e *Problemas da poética de Dostoiévski*.

### **A Metalinguística de Bakhtin e a Linguística de Saussure**

Cumprido destacar, a princípio, que Bakhtin não recusa a Linguística quando propõe a Metalinguística<sup>27</sup>. Na verdade, parte da mesma premissa de Saussure quando esse, para explicar qual é o objeto da Linguística, afirma que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. (SAUSSURE, 1999, p. 15). Bakhtin (2010, p. 207) compartilha da mesma convicção apresentada por Saussure, afirmando que “a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão”.

Bakhtin ressentia-se do fato de uma série de questões relativas à linguagem e às línguas encontrar-se à margem das pesquisas científicas. Segundo o autor, não faziam parte das preocupações dos linguistas contemporâneos a Saussure, por exemplo, “o estudo dos tipos e formas de relação dialógicas entre os enunciados e das suas formas tipológicas[...], o estudo dos elementos extralinguísticos e ao mesmo tempo extrasemânticos (artísticos, científicos, etc.) do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 313). Tais questões, concernentes ao que se situa fora do sistema linguístico, aos tipos de enunciados e às relações dialógicas que se estabelecem entre eles, a outros sistemas semiológicos, de fato, não compunham o rol das inquietações que movia o fazer científico sobre a linguagem de Saussure do CLG.

A constatação de Bakhtin de que a Linguística saussuriana não se prestava ao tratamento de objetos que lhe eram caros, levou-o, por meio da problematização dos seus fundamentos, à proposição da Metalinguística. Entretanto, ao contrário do que se especula, ao invés de propor a substituição da Linguística pela Metalinguística e de qualificar esta última em prejuízo da primeira, Bakhtin defende, ao contrário, que a Linguística e a Metalinguística são complementares. Segundo o autor, “as pesquisas

---

<sup>27</sup>Nos textos de Bakhtin aqui analisados não se observa o mesmo tom de crítica à Linguística saussureana que pode ser verificado com a leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem (MFL)*, onde, por diversas vezes, o objetivismo abstrato atribuído a Saussure sofre severas críticas, o que tem servido como mais um argumento para a defesa de que *MFL* não é de autoria de Bakhtin, mas de Volochinov.

metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar os seus resultados” [...]. Além do que “devem completar-se mutuamente, e não se fundir”. (BAKHTIN, 2010, p. 207)

Bakhtin (2010, p. 207) esclarece, ao explicar em que consiste a Metalinguística, que tal perspectiva de estudo é ainda uma proposta, já que não existiam, em sua época, disciplinas com a finalidade de refletir sobre “aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da lingüística”. Sobre este projeto de Bakhtin, vale acrescentar a explicação de Bezerra (2010), para quem

Bakhtin acalentava o projeto de criar, nas fronteiras da lingüística, da antropologia filosófica e dos estudos literários (ou teoria) uma nova disciplina das ciências humanas com a denominação de metalingüística [...] (BEZERRA, 2010, XV).

Para estabelecer uma distinção entre Metalinguística e Linguística, Bakhtin(2010, p. 207) explica que, enquanto a segunda tem como objetivo estudar a língua, fazendo-se uma abstração do que concerne à concretude do discurso, a primeira teria por finalidade analisar o discurso em sua totalidade, quer dizer, a língua na sua utilização concreta, em condições reais de interação social. Ao fazer tal distinção, novamente o autor procura ressaltar o lugar e a importância dos estudos lingüísticos desenvolvidos por Saussure e seus seguidores, afirmando ser o estudo por meio da abstração, legítimo e necessário (BAKHTIN, 2010, p. 207). Se Bakhtin opta pela Metalinguística em vez de adotar os pressupostos da Linguística de Saussure, isso se deve não a uma crítica contumaz ou a um desmerecimento da obra de Saussure, mas sim à adoção de um ponto de vista distinto que favoreceria as reflexões sobre seu objeto de investigação.

O filósofo russo interessa-se pelo estudo das unidades da comunicação verbal, ou melhor, pelos enunciados concretos, em vez de dar continuidade ao trabalho de Saussure, a quem interessavam as unidades da língua. Para justificar a sua opção, argumenta que “[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261) e que a língua, “[...] passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam) [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 265). E acrescenta: “aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)” (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Ao eleger os enunciados concretos como objeto de seu estudo, dá preferência à observação dos sentidos em detrimento dos significados. Segundo o autor, o que a Linguística costumava analisar era a relação de uma palavra em relação às demais, método que possibilitava, dentre outras coisas, identificar o seu significado. Com o estudo do enunciado concreto produzido em condições reais por falantes também reais torna-se possível, na perspectiva de Bakhtin, ter acesso não ao significado, mas ao sentido “[...] isto é, um sentido pleno, relacionado com o valor – com a verdade, a beleza, etc.” [...] (BAKHTIN, 2003, p. 332).

Tal modo de compreender a produção de sentidos liga-se diretamente à concepção de signo presente na obra de Bakhtin (2002) que, ao contrário de Saussure (1999, p. 81), para quem signo é uma entidade psíquica que combina as faces significante e significado, o analisa como uma entidade ideológica. Neste sentido, “[...] os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas” (BAKHTIN, 2002, p. 96).

Outra diferença entre Saussure e Bakhtin diz respeito ao tipo de relações de que se ocupam. Afirmando que a Linguística procura descrever as relações que se estabelecem entre os signos no interior do sistema linguístico, Bakhtin repete, de certo modo, o que afirmara Saussure no *CLG* e parte daí para justificar a necessidade de outra disciplina que pudesse explicar o que a Linguística não teria condições de realizar em virtude de possuir outros objetivos. Segundo Bakhtin (2003, p. 330), há certos tipos de relações que ocorrem entre enunciados efetivamente produzidos por sujeitos reais que não são estudados pela Linguística e que deverão constituir o objeto da Metalinguística. Neste sentido, o autor defende que deve fazer parte das tarefas da Metalinguística investigar o enunciado concreto, as formas assumidas de fato pela comunicação verbal, os gêneros do discurso, bem como o diálogo que ocorre entre enunciados e a sua relação com a realidade em que o sujeito falante se insere (BAKHTIN, 2003, p. 324).

Dentre as tarefas propostas para a Metalinguística, aquela que norteia toda a obra de Bakhtin concerne ao princípio do dialogismo como constitutivo da linguagem, questão central em torno da qual a arquitetônica bakhtiniana é projetada. Outras questões importantes da obra deste filósofo não podem ser pensadas a não ser em sua relação com o tema do dialogismo. Entretanto, apesar de ser indiscutível que em sua obra o dialogismo ocupa lugar privilegiado, além de ser objeto de reflexões bastante originais, Bakhtin não foi o primeiro a dedicar-se ao tema. O próprio autor reconhece

que a Linguística de base saussuriana também se ocupou de alguma maneira das formas de dialogismo. Entretanto, o autor faz uma ressalva ao argumentar que ela “[...] conhece, evidentemente, a forma composicional do ‘discurso dialógico’ e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela as estuda como fenômenos puramente linguísticos”. (BAKHTIN, 2010, p. 208).

A Metalinguística, por sua vez, em razão de sua inclinação para a totalidade do discurso, não analisa as relações dialógicas tão somente observando características sintáticas, lexicais ou semânticas, pois as percebe sob outra perspectiva. A concepção de dialogismo que mobiliza o interesse de Bakhtin diz respeito ao modo de funcionamento da linguagem, à maneira pela qual ela se realiza. Nesse sentido, para o autor, a linguagem se constitui, porque há diálogo entre os enunciados, ou seja, porque, invariavelmente, todos os enunciados produzidos pelos sujeitos dialogam com outros enunciados. Essa espécie de dialogismo, que também se pode denominar macrodiálogo ou dialogismo em sentido amplo, é condição essencial para que os enunciados sejam produzidos e os sentidos veiculados. É, segundo Bakhtin, uma forma de dialogismo sem a qual não existe nem enunciado nem sentido possível. Para ele,

todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. [...] Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. (BAKHTIN, 2003, p. 296-297)

Para desenvolver o conceito de dialogismo, Bakhtin (2003, p. 270) recorre a uma espécie de analogia. Parte da concepção de linguagem como forma de interação verbal, segundo a qual os sujeitos agem socialmente uns em relação aos outros parceiros do processo da comunicação verbal, para explicar que ocorre algo semelhante com os enunciados, já que os mesmos dialogam uns com os outros. O autor se opõe, neste sentido, aos pesquisadores da Linguística do século XIX que, segundo ele, davam prioridade a uma concepção de linguagem como forma de expressão do pensamento, ficando a função comunicativa relegada a segundo plano. Nas palavras do autor, na Linguística que se fazia até então,

[...] permanece característico, senão o pleno desconhecimento, ao menos a subestimação da função comunicativa da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de *um* falante sem a relação *necessária* com outros participantes da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 270).

Na construção de sua argumentação em defesa da linguagem como interação verbal, Bakhtin (2003) cita textualmente Saussure para criticar o modo como o linguista

genebrino apresenta os sujeitos do processo da comunicação. Vejam-se as palavras do autor:

Nos cursos de lingüística geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure), aparecem com freqüência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte (BAKHTIN, 2003, p. 271).

No que diz respeito ao papel dos interlocutores do discurso, como se pode observar, Bakhtin coloca-se frontalmente contrário a Saussure, em virtude de não admitir que se analise algum dos parceiros do discurso como passivo. Para o autor russo, trata-se de ficções as denominações “ouvinte” e “entendedor, as quais “[...] dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 271). Nada mais coerente se se levar em conta o papel fundamental que o interlocutor ocupa nas reflexões do filósofo russo.

### **Considerações finais**

Sem dúvida alguma, Saussure e Bakhtin são nomes fundamentais na história dos estudos da linguagem. Saussure é merecidamente reconhecido como o fundador da Linguística e Bakhtin, apesar de não ter ficado conhecido como o criador da Metalingüística, lançou fundamentos importantes para o avanço dos estudos linguísticos, distintos daqueles construídos por Saussure no *CLG*. Muito do que tem sido desenvolvido recentemente no campo dos estudos sobre os textos e os discursos, por exemplo, encontra suas bases em proposições a que se dedicou o filósofo russo. Não se pode negar, no entanto, que a leitura do *CLG* realizada por Bakhtin foi imprescindível para que ele, apesar de reconhecer os méritos da Linguística empreendida por Saussure, pudesse lançar esses novos fundamentos que, contemporaneamente, tão produtivos têm se mostrado para os estudos linguísticos.

Em síntese e à guisa de conclusão, do diálogo que Bakhtin estabelece com a obra de Saussure para circunscrever quais são os objetos da Linguística e da Metalingüística, pode-se afirmar que, para o filósofo russo, enquanto a primeira constituía-se em um campo já reconhecido, destinado a estudar as relações assumidas pelas unidades abstratas que compõem o sistema linguístico, ocupando-se, por exemplo, em identificar os significados que se podem observar pelo método da comutação, a Metalingüística deveria constituir-se numa disciplina nova, com a finalidade de analisar os enunciados concretos produzidos por interlocutores reais, os diálogos que se estabelecem entre os

mesmos e os sentidos que se constroem a cada nova enunciação. Não se pode deixar de mencionar ainda que, para Bakhtin, a Metalinguística não deve excluir a Linguística, pois, além de se ocuparem de objetos distintos, necessitam uma da outra, sendo, portanto, complementares.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 341 p.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 5. ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002. 439 p.
- BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BOUQUET, Simone. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução: Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 317 p.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução: J. Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 381 p.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. 1. ed. Curitiba: Criar Edições, 2003. 135 p.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006. 144 p.
- JAKOBSON, Roman. Prefácio. In: Bakhtin, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 9-10.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1999. 279 p.
- SOUZA, Geraldo Tadeu. \_\_\_\_\_. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/ Volochinov/ Medvedev**. São Paulo: Humanitas, 2002. 148 p.